

Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da comunicação 1

Alberto Efendy Maldonado 2

1. A necessidade de uma epistemologia histórica

As problematizações teórico/metodológicas e gnosiológicas sobre o campo de ciências da comunicação demandam a construção e o aprofundamento de perspectivas históricas na estruturação de suas pesquisas.^[1] A conceptualização da ciência como um tipo de prática social permite pensar os problemas e os contextos múltiplos de sua realização em termos objetiváveis, analisando configurações concretas (institucionais, organizacionais, estruturais); estratégias de política científica definidas; condições de produção de conhecimentos reais; sujeitos construtores de saberes caracterizáveis; geopolíticas científicas analisáveis e reformuláveis. Situar as problemáticas epistêmicas na história, construindo-a simultaneamente, torna-se, nessa perspectiva, condição imprescindível para a sua compreensão. Significa que essa é uma premissa para pensar outros problemas substanciais, já que não é possível problematizar: questões lógicas ou argumentativas, aspectos lingüísticos, elementos da formação dos pesquisadores, *transdisciplinaridade*, “limites”, *transmetodologias*, *filosofemas* comunicacionais, pertinência ao campo e estruturação de condições básicas para a produção científica, sem formular argumentos sustentados em pesquisa epistêmica histórica que brinde subsídios fortes de conhecimento sobre os processos de configuração do campo, nas suas heterogeneidades, conflitos, tendências, negociações, perspectivas metodológicas e modelos teóricos.

Nessa perspectiva de reflexão e construção do campo, constatamos a necessidade (o caráter imprescindível) de estruturar linhas de investigação epistemológica definidas como *pesquisa da pesquisa*. Essas linhas não devem ser compreendidas no contexto dos relatórios quantitativos/descritivos; nomeados como

1 (*) Trabalho apresentado no III Interprogramas da Compós, em São Paulo, ECA/USP, 7-8 de novembro de 2002.

2 **Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre** é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professor/pesquisador do Programa de Doutorado e Mestrado em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Coordenador de Relações Exteriores, membro da comissão editorial da revista *Fronteiras-Estudos Midiáticos* e coordenador do núcleo de pesquisa *Processos Comunicacionais: epistemologia/ midiáticação-mediações/ recepção* do mesmo programa. alefma@icaro.unisinis.br

“diagnósticos” de situação da pesquisa, que não superam o nível de resumos e resenhas superficiais ou burocráticas e têm provocado significativas distorções sobre a realidade da área.

A *pesquisa da pesquisa* propõe-se numa perspectiva epistemológica *histórica/genética/construtiva/política* que problematiza os paradigmas e modelos teóricos, explicitando-os na sua configuração interna -sistemas de hipóteses, categorias, conceitos e noções- e vinculando-os com as suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas. Isso significa problematizações teóricas aprofundadas que estudem com respeito, sistematização e senso crítico os argumentos teóricos de cada modelo, realizando uma *desconstrução* minuciosa -que requer de *tempos lógico-reflexivos* adequados ao amadurecimento da pesquisa- e reformulando questões teóricas em inter-relação com outras vertentes conceptuais importantes para as problematizações em comunicação.

A *dimensão teórica* da investigação extrapola, assim, a reprodução cômoda de raciocínios teóricos (longas paráfrases; vulgarizações; “ismos” e a crítica irresponsável/superficial/fátua), buscando compreender os fundamentos na sua dimensão de realização e formulando em processo construtivo hipóteses, noções e argumentos que se estruturam a partir da pesquisa de modelos teóricos relevantes.

A *pesquisa teórica* é uma exceção na área da comunicação. O *empirismo* e o *pragmatismo* vulgar têm influenciado fortemente a pesquisa no campo; simultaneamente o *teoricismo*, caracterizado pela voluptuosidade literária e a proliferação de idéias sem argumentação forte, também têm afetado a área (confusão intensa entre forma simbólica e episteme). Essas práticas de *intelectualismo abstruso* têm sido um dos principais fatores de rejeição da *práxis teórica* em comunicação, fortalecendo as posturas *funcionalistas* e empiristas no campo.

A *pesquisa teórica* em comunicação, paradoxalmente, estabelece necessidades constantes de fundamentação empírica. A mera especulação teórica tem-se mostrado insuficiente, pouco frutífera, argumentativamente fraca e socialmente irrelevante. Isso não significa que a pesquisa sobre história das ciências; diversidades filosófico/conceptuais; modelos teóricos; redes de categorias, conceitos e hipóteses perca importância, ou seja de uma ordem secundária, muito pelo contrário essas áreas

de investigação são substanciais e devem ser fortalecidas. O problema é que, seguindo uma linha teórica especulativa generalista, enfraquecemos as dimensões teórica, metodológica e conseqüentemente epistemológica de nosso campo.

As junções entre a dimensão teórica e a dimensão metodológica exigem uma labor sistemática de construção. Não é possível fazer imersões e reformulações teóricas de fôlego, que apresentem interessantes argumentações sem articulá-las com estratégias metodológicas fortes. Apesar do reconhecimento formal, sobre a importância do nível metódico, este continua abordado em termos instrumentais e secundários. É muito difícil encontrar problematizações metodológicas vinculadas com a estrutura teórica e com a problematização empírica. Os formatos de realização continuam reproduzindo separações postizas de níveis, o teórico torna-se exercício retórico de falsa erudição e o estratégico/metódico reduz-se a aplicação de ferramentas.

A construção epistemológica do campo das ciências da comunicação passa pelo reconhecimento -construído mediante pesquisas históricas sistemáticas- das estruturas, realizações, estratégias e contextos que configuraram as diversas comunidades de pesquisadores, pensadores e cientistas (construtores da área). A pesquisa epistemológica, assim, *investigando a investigação*; pesquisando a produção teórica; desconstruindo as estratégias metodológicas e seus procedimentos de realização; e, formulando estratégias de produção de conhecimentos -condição crucial para garantir o fortalecimento do campo- torna possível problematizar os aspectos *metateóricos* e *metametodológicos* em termos sólidos. Propõe-se, portanto, como premissa, investir em investigação *teórico/metodológica histórica*, como um subsídio-chave para uma estruturação forte das comunidades científicas em comunicação.

Essa proposição de pesquisa inclui problematizações epistêmicas que vão além do *micro*, formulando estratégias *transdisciplinares* de construção como condição para o desenvolvimento construtivo do campo. Não obstante, ao mesmo tempo, precisa-se trabalhar com problematizações que estabeleçam distinções, identidades, focos e traços em relação a outras áreas e campos de conhecimento. *A identidade do campo* define-se em relação com os outros, é a partir dessa inter-relação que os focos, "limites", pertinências, distinções, características, ênfases e eixos são objetiváveis e possíveis de definir.

O posicionamento gnosiológico da comunicação numa dimensão de ultrapassagem de diversos campos do conhecimento, tem provocado confusões, conflitos e desvios periódicos sobre a definição da **comunicação** como uma área de saberes. O fato é que a riqueza de aspectos, processos e fenômenos que podem ser problematizados numa perspectiva comunicacional, tem dificultado uma definição abrangente e reconhecida. São comuns os logocentrismos e os etnocentrismos semióticos, sociológicos, literários, psicológicos, antropológicos, econômicos, jurídicos, políticos, técnicos, pragmáticos e informacionais. Uma *Babel* de concepções, características e sentidos sem maior disposição para um diálogo epistêmico.

A problemática da diversidade e da transdisciplinaridade no campo, tem como um fator constitutivo importante o *processo de migração* de pensadores/pesquisadores e profissionais de outros campos para compor o campo da comunicação, essa característica no lugar de facilitar um diálogo e intercâmbio entre disciplinas e conhecimentos, tem facilitado as confusões e logocentrismos, buscando defender parcelas de saberes como lugares basilares de estruturação. A fraqueza teórica/epistêmica na comunicação tem condicionantes históricos: 1) campo recente de reflexão; 2) setor povoado de práticas instrumentais de *saber/fazer técnico*; 3) área gerada e estruturada mediante explicações geopolíticas: o campo midiático construiu-se intensamente vinculado ao poder político hegemônico em todas as partes do mundo, na América Latina sua instauração, organização e desenvolvimento esteve vinculada aos projetos autoritários, *populistas* e "*coronelistas*" com apoio do complexo militar/industrial estadunidense.

O pensamento em comunicação na região nas décadas de 1950 e 1960, época da institucionalização da pesquisa em comunicação na região, foi fundamentado, auspiciado e dirigido pelos organismos especializados estadunidenses. Os modelos teóricos, as premissas, as metodologias, os procedimentos, as perguntas, as hipóteses, a infraestrutura e os apoios financeiros eram definidos, planejados e controlados pelos institutos do governo dos Estados Unidos.^[2] Os modelos críticos hermenêuticos, semiológicos, lingüísticos, sociológicos, antropológicos e políticos só conseguiram uma inserção inicial na segunda metade da década de 1960.^[3] A constituição do campo na América Latina tem essas marcas históricas, estratégicas e conceptuais; o choque de perspectivas, visões de mundo, formulações políticas, modelos teóricos e procedimentos

metodológicos tem sido uma constante na região. A efervescência sociocultural e política é um fator contextual que intervém significativamente na estruturação das condições de produção científica; tanto na geração de obstáculos sistêmicos quanto na inspiração e energia para problematizar as concepções comunicológicas e o mundo.[\[4\]](#)

Nas três últimas décadas do século XX constatamos um crescimento explosivo das instituições de ensino e pesquisa em comunicação. A partir de 1970 com o governo socialista de Salvador Allende, no Chile, vamos ter uma experimentação sociopolítica comunicacional intensa, unida à formação de centros de pesquisa, institutos, meios de comunicação alternativa e projetos editoriais de cobertura continental. América Latina é pensada e politizada como uma unidade sociocultural que deve ser reformulada e construída em formatos alternativos à óptica liberal; lamentavelmente as fundamentações políticas críticas não tinham suficientes elementos de compreensão e transformação das realidades concretas; no caso da comunicação essa situação levou ao *denuncismo* e à redução das problemáticas comunicacionais a questões econômico/políticas, administrativas e partidárias.

Foi assim que a falta de experiência em gestão de governo e em processos estratégicos midiáticos levou à implementação de políticas burocráticas e conservadoras no seio da experimentação socialista. Os métodos semiológicos estruturalistas, por exemplo, foram vulgarizados e aplicados de forma ortodoxa, de acordo com as conveniências políticas. O *funcionalismo*, o positivismo e o estruturalismo atravessaram o pensamento crítico e constatou-se a reprodução de fórmulas, procedimentos e concepções hegemônicas nas práticas alternativas e populares.

As propostas de uma *Nova Ordem Internacional da Informação e a Comunicação* (NOMIC), na qual os pensadores latino-americanos da área tiveram importante participação, encontraram uma fortíssima resposta do projeto de hegemonização estadunidense, a ideologia e as estratégias do *free flow information* conseguiram neutralizar e desorganizar a força que tinha adquirido esse modelo renovador para o campo da comunicação. O caráter de serviço público, democrático, inovador das formas culturais e da transformação social foi vencido pela lógica mercadológica, que teve sua expansão nas décadas de 1980 e 1990 ampliando um fazer midiático *made in USA* na América Latina -modelo comercial, vinculado aos grandes oligopólios transnacionais-. Pode parecer que esses arranjos empresariais pouco tem a

ver com pensamento e campo de pesquisa em comunicação, porém a realidade é outra. As universidades, cursos, institutos, centros e fundações estão inseridos num contexto mercadológico forte; esse fator condiciona direta ou indiretamente formas de pensamento e procedimentos de pesquisa: basta observar a força do *quantitativismo* superficial e empírico nos currículos; identificar os modelos teóricos assumidos como referência de estudo e pesquisa; situar os comportamentos de mestres, técnicos e pesquisadores no conjunto das instituições do campo.

A pós-graduação em comunicação tem sido um contraponto importante, principalmente no México e no Brasil, ao *superficialismo* e pragmatismo vulgar que caracterizam a área de estudos em comunicação. Contudo, há muito ainda por construir. Embora os programas referência de pós-graduação em comunicação na América Latina sejam de primeiro nível no contexto internacional, sabemos que a área no conjunto mundial ainda tem precariedades significativas. Nesta perspectiva, a fundamentação e desenvolvimento de uma *epistemologia da comunicação* torna-se crucial para os avanços estratégicos do campo. Pensar a comunicação em termos *metateóricos* e *metametodológicos*: refletir, avaliar, reformular, desconstruir, argumentar criticamente, desenhar estratégias para a resolução de problemáticas fortes, tanto na dimensão conceptual quanto na sua relevância sociocultural é um desafio da conjuntura contemporânea. São tempos de significativas transformações em todas as ordens da vida contemporânea; no campo científico a possibilidade de gerar uma *cibercultura* forte, que desenvolva as comunidades de conhecimento na América Latina é uma realidade palpável já no nosso dia a dia. A *epistemologia da comunicação* não pode ignorar este aspecto estratégico, ele muda consideravelmente as condições de produção de conhecimento no conjunto das áreas e possibilita amadurecer projetos e comunidades de pesquisa com a intervenção dos atores e equipes mais qualificados da região. Os fluxos humanos, que nos primórdios da *globalização* correspondiam as necessidades financeiras do *capital* e à exclusão social, são hoje dinâmicas que têm um potencial qualitativo que permite a organização e realização de projetos integrados entre pesquisadores de vários países.

Ao mesmo tempo que constatamos a crise dos *sistemas de confiança* no *Primeiro Mundo*, das empresas paradigmáticas da nomeada *nova economia* e a quebra das principais companhias aéreas estadunidenses, observamos uma interessante

circulação e diálogo entre pesquisadores latino-americanos em comunicação. Esses contatos, na maioria dos casos indiciais, de exploração e reconhecimento possibilitarão o desenho de políticas pertinentes para a configuração de redes de pesquisa e pensamento que se constituam em alicerces do conhecimento comunicacional na América Latina.

A reflexão histórica sobre a produção de saberes na região obriga-nos a situar o pensamento crítico como um aspecto epistêmico relevante para o desenvolvimento de estratégias científicas nas ciências da comunicação. Economia política dos sistemas midiáticos; processos de significação social; configurações tecnoculturais contemporâneas; estruturação de campos e comunidades de sentido; construção de poderes simbólicos; lógicas e estratégias de produção midiática; *mediatização* do mundo, hegemonia informacional; fluxos, circulação e dispositivos de controle; redes, sistemas e comunidades de produção de conhecimentos, comunicação e informação; políticas socioculturais e comunicação; ética e transformação social são, entre outras problemáticas, temáticas articuladoras de um olhar aprofundado para alternativas de construção de *heterotopias* exequíveis. Hoje é possível identificar com seriedade as limitações próprias de todo conhecimento humano; depois de vários séculos de modelos totalizantes, importantes posturas gnosiológicas amadureceram em termos de diversidade lógica e metodológica e ampliaram as problemáticas teóricas, inserindo vários modelos, tradições, sistemas e redes conceptuais na geração de hipóteses, na formulação e resolução de problemas e no diálogo construtivo de campos de saber.

Uma das grandes diferenças com quatro décadas atrás é que ninguém vai pretender fundar uma *ciência* unívoca, total, acabada e formal nas ciências humanas, sociais, da linguagem e da comunicação. O reconhecimento dos traços, dos campos e das dimensões tem sido um passo importante na definição de pertinências, flexibilidades, misturas e alternativas de fundamentação teórica. As estratégias formais, especulativas e dedutivas deram passo às problematizações exploratórias, experimentais, pragmáticas, construtivas e hermenêuticas que situam a comunicação em processos socioculturais e de significação vinculados com sistemas tecnoculturais.

A investigação dos processos comunicacionais contemporâneos é configurada pelas exigências dos *objetos/problema* que as realidades históricas e sociais apresentam. Essas construções culturais definem dois aspectos cruciais de sua estruturação: a

mediatização do mundo por meio de sistemas técnicos de informatização, controle e produção de bens simbólicos, nos quais o campo das mídias é chave para a problemática da comunicação contemporânea; e, a compreensão dos processos de produção de sentido nos contextos múltiplos das *mediações* -sociosemiótica, antropologia, história, sociologia da cultura, estética, pragmática, análise do discurso, crítica literária, filosofia da linguagem, hermenêutica, retórica e axiologia convergem para pensar o sentido- a teoria das *mediações* reconstrói mediante uma dialética precursora e construtiva fragmentos de saberes dispersos, definindo a *Cultura* como a mediação central articuladora dos complexos de contextos nos quais os sujeitos sociais interagem produzindo significações.[5] Vai ser o choque epistêmico entre saberes formais/ acadêmicos e processos comunicacionais produtores de sentido por grupos humanos concretos em *interaccionalidade* com as mídias o que provoque situações de descoberta e reformulação no pensamento comunicacional, as significações construídas pelas audiências observadas pouco tinham a ver com a lógica dos analistas.[6] A impotência interpretativa real provocou deslocamentos.[7]

Nas últimas décadas do século XX tivemos na América Latina processos contraditórios de amadurecimento e crescimento do campo de pesquisa em comunicação[8] e, ao mesmo tempo, momentos de ceticismo, conservantismo e até autismo intelectuais. A fortaleza crítica do pensamento em comunicação latino-americano perdeu sua vitalidade na década de 1990; paradoxalmente o trabalho de sistematização, organização e institucionalização da pesquisa na região desenvolveu parâmetros e diretrizes autônomos em relação com o modelo hegemônico. A experiência e a força da pesquisa crítica impediu uma adequação fácil aos modelos administrativos, mercadológicos e funcionais propostos pelos arautos do neoliberalismo comunicacional; a madurez de pensamento e a força da experiência permitiu que as principais diretrizes incluam valores substanciais de rigor, ética e crítica nas novas condições de produção de conhecimentos.

No Brasil constatamos a expansão e consolidação de uma área de conhecimento, que iniciou seu processo de institucionalização em várias regiões do Brasil nutrindo-se da experiência de estruturação de pesquisa em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.[9] Em 2002 temos programas de pós-graduação *stricto sensu* nas regiões sudeste, sul, nordeste e centro do Brasil, configurando um potencial de produção de conhecimentos

interessante; estamos longe de uma maturidade de campo, mas ao mesmo tempo o construímos em posições de avançada, explorando e questionando-nos por meio de contínuos ensaios esforçados as melhores estratégias, experimentos, modelos e alternativas históricas para fundamentar e estruturar uma comunidade científica forte, que gere uma cultura de investigação relevante no contexto internacional.

Ao mencionar o Brasil, penso nele como o "irmão científico" mais experiente da *Pátria Grande* América Latina. As pesquisas históricas constata[m][\[10\]](#) que as articulações devem considerar as comunidades com maior tradição e experiência para construir uma *comunidade científica em comunicação* na América Latina. Essas investigações sobre o estado da pesquisa na região comprovam que México, Colômbia, Argentina e Brasil apresentam as melhores condições para essa estruturação do campo. Os processos precursores, fragmentados e pontuais (congressos, encontros, seminários) encontram na atualidade condições infraestruturais para a realização de projetos sistemáticos de caráter transnacional na região. Nessa ótica, uma das propostas estratégicas de desenvolvimento do campo é a estruturação de um *projeto latino-americano de comunidade científica*, que recolhendo as experiências de ALAIC, FELAFACS, INTERCOM, COMPÓS, AMIC e outras organizações de pesquisadores nos diferentes países supere essa primeira fase e construa um *campo forte* na região.

É imprescindível quebrar as heteronomias econômicas, políticas, técnicas e culturais formulando estratégias metodológicas integradoras das problemáticas locais numa visualização epistemológica de conjunto, que combine o local, nacional e regional em projetos de pesquisa de relevância e impacto sociocultural e político.

Em todas as ordens da existência humana e, em especial, no campo científico a *União Latino-Americana* torna-se na atual conjuntura histórica um requisito básico de sobrevivência e possibilidades de futuro; um outro mundo é possível e dentro dele a construção da *Pátria Grande* será significativa.

Alguns estarão perguntando-se: os teóricos, os grandes mestres, seus modelos onde ficam neste quadro "historicista que pouco tem a ver com ciência e muito com políticas"? O respeito pelo pensamento e os conhecimentos que nos ofereceram os cientistas suscitadores do campo da comunicação leva-nos à responsabilidade e ao

desafio de reconstruir uma dimensão teórica, que articule saberes transdisciplinares com processos socioculturais.

Um objetivo de sustentação das propostas sociohistóricas sobre o campo é estruturar e dinamizar as condições básicas de produção de conhecimentos, elemento necessário para pensar em qualquer desenvolvimento teórico/metodológico. A epistemologia é substancialmente *práxis científica*, não mero jogo de enunciados formais, lingüísticos ou especulativos. Os conceitos precisam de construtores, sujeitos históricos com forte estimulação para produzir saberes. A pesquisa teórico/metodológica necessita de tempos lógicos e históricos consideráveis, formar um pesquisador não é coisa de um biênio ou de um triênio, a maturidade e autonomia em investigação científica requerem entre uma década e três lustros pelo menos. A história apresenta constantes e singulares exemplos sobre a necessidade de experimentação, reflexão e participação em projetos, laboratórios e investigações integradas como ambiente e recurso básico da construção de campos e pesquisadores. A ruptura com a escolaridade escolástica, com o formalismo administrativo, com a pesquisa superficial/empirista, com o positivismo lógico e conceptual supõe o estabelecimento de dimensões, cenários, ambientes, tempos/espacos que sejam pertinentes para a prática teórica e metodológica sistemática, inventiva, rigorosa, poética e comprometida.

2. O compromisso transmetodológico

O prefixo *trans* acompanhando uma série de noções ou “definições” tem sido um recurso retórico habitual para esconder a falta de seriedade, rigor, responsabilidade, aprofundamento e sistematização nos campos da ciências sociais, humanas e da comunicação. *O transdisciplinar* tem sido um recurso fácil para substituir a pesquisa teórica e metodológica pela apropriação cômoda de enunciados, slogans, metáforas, noções e esquemas. A “autoridade” que daria supostas “verdades” provenientes das *ciências naturais* tem configurado posicionamentos de submissão *logocêntrica*, levando à formação de comunidades, às vezes seitas, de ritualização de discursos sobre a ciência que em alguns casos constituíram-se em graves obstáculos para uma produção séria de conhecimentos.

A problematização teórica, nesses casos, foi substituída pela adoção de chavões e esquemas que prejudicaram um desenvolvimento transdisciplinar. Continuam atuando práticas desse tipo e existem dimensões ideológicas totalizantes que pretendem atribuir a um autor ou escola a centralidade e fundamentação básica da transdisciplinaridade;[\[11\]](#) esse tipo de teorismo especulativo sustenta-se numa combinação de jogos literários e o uso superficial de idéias provenientes das *ciências naturais*. No campo das ciências da comunicação as influências dessas práticas e modelos expandiram-se em setores formados e acostumados a procedimentos especulativo/retóricos, cujo posicionamento pode caracterizar-se como o de uma “douta ignorância” sobre os processos socioculturais, históricos, políticos e comunicacionais.[\[12\]](#)

Uma reformulação teórica-transdisciplinar supõe o reconhecimento do *trans* como uma problemática vinculada à categoria de *movimento*, um movimento que ultrapassa “fronteiras” a partir do conhecimento profundo dos problemas/objeto de pesquisa setoriais, porque as ultrapassagens têm previamente *posições gnosiológicas, metodológicas e sociológicas* que alcançaram um grau de maturidade na sua fundamentação própria, trabalhando na construção de problemáticas pertinentes, sistematizando seus procedimentos de pesquisa e construindo redes de argumentos teóricos fortes.

Coloca-se como uma premissa do conhecimento, a partir de uma perspectiva metodológica transdisciplinar, o trabalho de construção de um conhecimento especializado num campo ou numa área da ciência. Desse modo, não é possível desenvolver uma linha transdisciplinar nas ciências da linguagem, por exemplo, sem pesquisar, compreender, desconstruir, reformular, apropriar-se das propostas de fundação de um Ferdinand de Saussure, de um Charles A. Peirce e das formulações teóricas das principais escolas e comunidades lingüísticas.[\[13\]](#) Como também não é pertinente iniciar uma argumentação em ciências sociais sem conhecer as teorias de Karl Marx, Auguste Comte, Max Weber, Emile Durkheim e as problematizações das diferentes escolas compreensivas, estruturalistas, marxistas, funcionalistas e positivistas sobre o conhecimento do *social*. Em todas as áreas do conhecimento é inevitável fazer uma caminhada de reconstrução histórica, teórico/metodológica e epistêmica que permita compreender as conceptualizações relevantes do campo e as principais

estratégias e modelos que se constituem em ponto de partida de qualquer problematização na área.

Repetir frases conclusivas sobre aspectos, detalhes ou mesmo argumentos de uma determinada teoria física, biológica, matemática ou química transforma-se num exercício discursivo, que nem sequer se constitui numa forma adequada de divulgação científica; consegue sim reproduzir as velhas formas do discurso dogmático, fundamentalista e totalizante. A *práxis científica* exige realizar pesquisas concretas, problematizadas em profundo vínculo com o real, situando tanto a teoria quanto o empírico como problema a construir e não como repetição de fórmulas ou preceitos generalistas e vácuos.

No campo das ciências da comunicação essa particularidade é um paradoxo. Os conjuntos de conhecimentos sobre as problemáticas comunicacionais são muito recentes, historicamente os processos comunicacionais, como estruturas sistêmicas de ampla abrangência social, são uma realidade construída a partir da segunda metade do século XVIII, só no século XX as infraestruturas de base alcançaram uma presença que potencializou uma centralidade e *penetrabilidade* consideráveis no conjunto dos campos sociais.

É interessante constatar como o funcionamento dos sistemas industriais de comunicação e o conseqüente mercado de bens simbólicos que gerou foram o fator principal suscitador da pesquisa sobre o comunicacional. As transformações culturais provocadas pelas estruturações dos meios de comunicação são um fenômeno de curta história. Não obstante, observamos que a intensidade dos fluxos, a dinâmica midiática e o poder simbólico estruturaram uma dimensão de *atração* paradigmática de outros campos e sujeitos. A expansão dos institutos e empresas de ensino, pesquisa e produção comunicacional tem sido desmensurada; esse fenômeno responde só em parte às lógicas dos mercados e dos sistemas contemporâneos, em muito configura-se e fortalece-se por campos de efeitos simbólicos que geram a ilusão do *comunicador* como príncipe, herói, poderoso, belo, sábio e engenheiro. O político, o artista, o cientista, o técnico e o industrial condensa-se no símbolo *comunicador*. Poder, desejo, transcendência, conhecimento e vitalidade adquirem uma configuração que ultrapassa de forma avassaladora o conjunto dos campos sociais, de seus imaginários, das racionalidades e dos discursos na contemporaneidade.

Essas características têm gerado uma forte tendência ao pragmatismo e empirismo vulgares nas práticas de estudo e exercício da comunicação, vai ser no contexto das pós-graduações, institutos especializados, fundações e ONGs que o pensamento comunicacional começará a superar as formas instrumentais e funcionais de compreensão e problematização dos objetos, processos e saberes. A pesquisa em comunicação tem, assim, as marcas do mercado e das demandas geopolíticas e só nestas últimas décadas uma preocupação pela estruturação de um campo científico. O processo de construção de uma dimensão teórico/metodológica no nosso campo precisa investigar, *desconstruir* e formular propostas a partir da compreensão, crítica e reformulação dos modelos teóricos e estratégias metodológicas que têm sido hegemônicos na área. As complexidades não podem esquecer ou ignorar as estruturações concretas, históricas, funcionais que caracterizam traços importantes de nossa história e de nosso pensamento. Ignorar a força dos modelos estadunidenses de caráter pragmático e funcional, em nossa área, em termos epistêmicos, é, para ser gentil, pelo menos um comportamento irresponsável.

O campo demanda *pesquisar a pesquisa*; investigar os procedimentos, concepções, realizações e modelos históricos que participaram na configuração do que hoje se conhece como ciências da comunicação (ainda ambígua, confusa, precária e em parte ilegítima). O interessante é que, apesar das negações, conflitos e exclusões, existem instituições, práticas e sujeitos sociais investigando, pensando e produzindo em comunicação; o campo vai estruturando-se em confronto e colaboração. O "saber erudito" e o saber instrumental, pouco a pouco, vão reconhecendo que existem dimensões de conhecimento que precisam de uma configuração comunicacional.

Além da *marca positivista*, as nossas estruturações comunicacionais na construção de um campo de conhecimento apresenta o fenômeno das *imigrações de pensadores*. Ao não existir um campo formal, acadêmico/científico, portanto não ter sujeitos produtores de pensamento comunicacional, situados e definidos numa área conhecida como tal, o que constatamos é uma presença forte de profissionais, pesquisadores e pensadores de várias áreas. Os contextos históricos facilitaram as ondas migratórias de cientistas políticos, sociólogos, técnicos eletrônicos, antropólogos, lingüistas, psicólogos, técnicos de informação, dramaturgos, artistas, filósofos, biólogos, demógrafos, administradores e "marketeros" para o campo da comunicação. Constata-

se, desse modo, uma propriedade sociocultural de *atração*, facilitada pelas carências da área e pela riqueza de possibilidades que ela brinda para a investigação, o conhecimento e a criação produtiva. O sociossimbólico unido à força das novas configurações tecnológicas, que o servem de suporte para a sua realização expandida, tem sido um ethos irrenunciável para milhares de pessoas.

Essa miscigenação, que fomentou uma promiscuidade intelectual dinâmica tem-se mostrado geradora de obstáculos e potências para o conhecimento em comunicação. Por uma parte, tem brindado um conjunto de saberes importantes provenientes de outras áreas, os quais mediante a presença nas argumentações e pesquisas estabeleceram traços interessantes de reflexão; por outra e simultaneamente, tem confundido o fazer comunicacional como um derivado dos fazeres na área de origem, são ilustrativos os casos da lingüística aplicada; sociologia da cultura; psicologia comportamental, de grupos; etnografia de audiências; "marketing"; "atos da linguagem"; "filosofias da linguagem" e "teorias matemáticas".

Nesta fase de construção do campo das ciências da comunicação é importante realizar as necessárias *reformulações teórico/metodológicas*, necessárias à definição de um campo para distinguir-se dos outros, para dialogar e configurar estruturas mais complexas. É assim que os pensadores e investigadores da área, considerando a força que vão adquirindo seus contextos de pesquisa, tomando em conta as novas culturas científicas que condicionam e valorizam suas pesquisas e ponderando as demandas de um pensamento comunicacional forte precisam redefinir-se, desconstruindo-se e situando-se num espaço *transdisciplinar* articulado pelo comunicacional. Nessa ótica, a perspectiva *transmetodológica* que estamos construindo é uma proposta que busca uma articulação de métodos organizados entorno de uma *episteme* e uma conceptualização comunicacional renovadoras.

Os *problemas/objeto*, as problemáticas de nossas investigações exigem constantemente construções estratégicas, sistematizações lógicas que não podem ser abordadas por uma perspectiva excludente, instrumental, linear ou especulativa. Os fenômenos culturais contemporâneos, os processos midiáticos, as mediações socioculturais, a produção social de significações, a fabricação seriada de mensagens, os ambientes de *interacionalidade* comunicativa, os sistemas e estruturas de informação, a *mediatização* intensa e acelerada do mundo pedem *definições transmetodológicas*.

Aproximar-se e observar sistematicamente; analisar os elementos que conformam um fenômeno ou processo; organizar modelos de análise que respeitem as realidades empíricas -abordando-as imaginativamente- e desenhar formas e espaços cognitivos que expressem e representem a dimensão simbólica dos sujeitos são desafios constantes na pesquisa científica e acadêmica.

As complexidades de pesquisas configuradas em contextos múltiplos, diversidade de níveis de análise, participação de distintos conjuntos de teorias e redes conceituais, e estruturas estratégias reconstruídas e reformuladas de acordo com a problemática comunicacional demandam a inclusão e reestruturação de várias perspectivas e modelos metodológicos. *O transmetodológico* torna-se, desse modo, uma premissa epistêmica para a geração de investigações com pretensões de cientificidade no campo das ciências da comunicação.

Trabalhar o *transmetodológico* supõe um conhecimento prévio das metodologias - fundamentadas em dimensões teóricas- pertinentes a uma estratégia *trans*, buscando uma confluência de métodos que parte de suas lógicas de origem, aceita o compromisso da *desconstrução* e assume o desafio da *práxis*, que implica a exploração de *problemas/objeto* em consonância e conflito com os modelos teórico/metodológicos problematizados. Uma abordagem *transmetodológica* exige, portanto, vários tipos de problematização articulados entre si; não é pertinente realizar problematizações teóricas desvinculadas dos níveis metodológico e empírico. *O objeto empírico* problematiza-se com a intervenção de sua correspondente problematização teórico/metodológica; a idéia de aplicação mecânica e automática de métodos para construir uma pesquisa comunicacional só produz exercícios repetitivos, numerosas vezes superficiais, que pouco contribuem para aprofundar conhecimentos sobre os processos comunicacionais investigados.

O compromisso epistêmico que afirma a necessidade de elevar-se às complexidades gnosiológicas *do concreto*,[\[14\]](#) leva-nos à necessidade de desenvolver *pesquisas metodológicas, pesquisas teóricas e pesquisas empíricas* em cada processo de investigação. As distinções vão ser definidas pela ênfase num ou outro nível de problematização; de fato todas precisam construir nos diferentes níveis, contribuindo com subsídios para problematizações epistemológicas que articulem argumentações a partir da experiência dos diferentes conjuntos de pesquisa.

Entre os obstáculos para a produção de conhecimento que se observa no campo da comunicação está essa separação forçada das dimensões de investigação; muito do produzido numa ênfase teórica fica isolado das problematizações empíricas; as investigações empíricas descuidam o teórico, tratando-o como um pretexto de apresentação de argumentos e gerando discursos descritivos e superficiais. O resultado disso é a combinação abundante de *teoricismo* ensaístico misturando com *empirismo* descritivo; situação que prejudica ao pensamento epistemológico na área pela fraqueza dos processos e experiências que se realizam. Não obstante a existência dessa situação, é reconfortante constatar a força que vão adquirindo no campo as fundamentações epistemológicas que procuram superar o empirismo, a especulação literária e as generalidades retóricas. Vai-se configurando paulatinamente uma cultura de qualificação do campo a partir de diferentes perspectivas. Os confrontos, necessários para garantir o movimento e as transformações, apresentam-se cada vez mais numa perspectiva de aprofundamento e não de detalhe burocrático ou privilégio administrativo. Nesse sentido, é importante reconhecer -apesar das lógicas burocráticas- que a institucionalização e a vitalidade do campo das ciências da comunicação no Brasil é uma referência no contexto internacional. As perspectivas são ainda mais revigorizantes, dado que nossas limitações e problemas estão sendo explicitados e debatidos periódica, sistemática e aprofundadamente. A proposta *transmetodológica* situa-se nesse contexto, como um conjunto de reflexões que buscam contribuir à construção deste campo do conhecimento.

As preocupações epistemológicas definidas como uma *reflexão sobre a ciência* não são só *externas* ou *internas* a sua produção e geração, das condições de produção às formas lógicas mais abstratas o conjunto está incluído na problemática epistêmica: história, cultura, práticas sociais, construção de modelos teóricos, pesquisa lógica, institucionalização, estruturas de poder, imaginários, normas, estratégias e aventuras imaginativas configuram a dimensão epistêmica. O teórico/metodológico constitui também um aspecto constitutivo das problemáticas epistemológicas. A reflexão sobre a ciência, seus processos produtivos, suas características como forma social específica, seu caráter de produção de discursos em níveis de rigor lógico e fundamentação teórica/forte e a sua propriedade de explicitação, auto-avaliação, desconstrução e reformulação tornam a dimensão *teórica/metodológica* um elemento crucial das formulações epistêmicas. Sem pesquisa sistemática de caráter teórico/metodológico

pouco se poderá construir em epistemologia no campo; sem reflexão epistêmica histórica, filosófica e lógica a dimensão teórica/metodológica não configurará visualizações e compreensões ricas do mundo. A perspectiva *transmetodológica* busca contribuir as argumentações que constroem nexos entre esses diferentes níveis a partir da reflexão sobre os conjuntos teórico/metodológicos na área, desenvolvendo a *pesquisa da pesquisa* e reconfigurando as estratégias que sustentam a formulação de problemáticas em comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston (1974). *A epistemologia*, Rio de Janeiro: Edições 70
- COSTA, Newton da (1993). *Lógica indutiva e probabilidade*, São Paulo, Hucitec/Edusp.
- COHN, Gabriel (et. Al.) (2001). *Campo da comunicação/caracterizações, problematizações e perspectivas*, João Pessoa: Ed. Universitária.
- DERTOUZOS, Michael (2000). *O que será/Como o novo mundo da informação transformará nossas vidas*, São Paulo: Companhia das Letras.
- FUENTES, Raúl N (2000). “*La investigación de la comunicación en América Latina: condiciones y perspectivas para el siglo XXI*”, Lima: revista *Diálogos de la comunicación* 59, p. 52-68.
- ECO, Umberto (1993). “*Interpretação e história*”, in *Interpretação e superinterpretação*, São Paulo: Martins Fontes.
- ESTEVES, João (1998) *A ética da comunicação e os media modernos/Legitimidade e poder nas sociedades complexas*, Lisboa: Gulbenkian.
- FABRI, Paolo (2000). *El giro semiótico*, Barcelona: Gedisa.
- GAUTHIER, Gilles, GOSELIN, André ; MOUCHON, Jean (comps.) (1998) *Comunicación y política*, Barcelona: Gedisa.
- GINZBURG, Carlo (2001). *Olhos de madeira/ nove reflexões sobre a distância*, São Paulo: Companhia das Letras.
- GORTARI, Eli de (1972). *Lógica general*, México D.F: Grijalbo.
- HALLER, Rudolf (1990). *Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões*, São Paulo: Edusp.

IANNI, Octavio...[et al.](Orgs.) (2000). *Desafios da comunicação*, Petrópolis/RJ: Vozes.

----- (1997). *Desafios da globalização*, Petrópolis/RJ: Vozes.

LOPES, Maria Immacolata de (1999). *A recepção de telenovela no Brasil, uma exploração metodológica*, (Relatório de pesquisa) São Paulo: ECA/USP.

----- (1990). *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*, São Paulo: Loyola.

LOPES, Maria Immacolata; FUENTES, Raúl (comps) (2001). *Comunicación campo y objeto de estudio/Perspectivas reflexivas latinoamericanas*, ITESO-Unv. de Colima-Unv. de Aguas Calientes, Unv. de Guadalajara.

MALDONADO, Alberto Efendy (2001). *Teorias da comunicação na América Latina/Enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón*, São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos.

----- (2002). "*Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica*", in Anais ALAIC 2002, Santa Cruz de la Sierra, Bolivia: Universidade Privada de Santa Cruz/ALAIC.

----- (2001). "*Reflexiones sobre la investigación teórica en comunicación en América Latina*", in Immacolata Lopes; Raúl Fuentes (comps.). *Comunicación campo y objeto de estudio(...)*, p. 105-126.

----- (1999). *Pesquisa teórica em comunicação na América Latina/ Estudo de três casos relevantes: Verón, Mattelart e Martín Barbero*, ECA/USP (Tese de Doutorado).

----- (1999). "*Da semiótica à teoria das mediações*", in *Comunicação, cultura e mediações*, São Bernardo do Campo/SP: UMESP.

MARTÍN-BARBERO, Jesús (1999). *Los ejercicios del ver/Hegemonia audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Gedisa.

----- (1997). *Dos meios às mediações/Comunicação, cultura, hegemonia*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.

----- (1988), *Procesos de comunicación y matrices de cultura/ itinerario para salir de la razón dualista*. México: Gustavo Gili.

MARTÍN-SERRANO, Manuel (1989). *La epistemología de la comunicación a los cuarenta años de su nacimiento*, in <http://cecte.ilce.edu.mx/cecte/posgrado/investigacion/lecturas/serrano.htm>.

MARX, Karl (1977). *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, Lisboa: Ed. Estampa.

MATTELART, Armand (2002). *História da utopia planetária/da cidade profética à sociedade global*, Porto Alegre, Sulina, 2002.

----- (2002). *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola.

OCLACC (2002). *Redes, gestión y ciudadanía/Un análisis crítico desde la comunicación*, Quito: ABYA YALA.

PASQUALI, Antonio (1998). *Bienvenido Global Village*, Caracas: Monte Ávila Editores.

PINKER, Steven (1999). *Como a mente funciona*, São Paulo: Companhia das Letras.

SANTOS, Milton (1994). *Técnica, espaço, tempo/globalização e meio técnico-científico informacional*, São Paulo, Hucitec.

SFEZ, Lucien (1994). *Crítica da comunicação*, São Paulo: Loyola.

VERÓN, Eliseo (1997). *Semiosis de lo ideológico y del poder/La mediatización*, Buenos Aires: CBC/UBA.

----- . “Entre la epistemología y la comunicación”, in revista *CIC digital* (www.ucm.es/info/per3/cic/Cic4ar10.htm)

WINKIN, Yves (1998). *A nova comunicação*, Campinas: Papirus.

WITTGENSTEIN, Ludwig (1988). *Investigaciones Filosóficas*, México-Barcelona: Instituto de Investigaciones Filosóficas UNAM-Editorial Crítica.

NOTAS

[1] Perspectiva epistemológica desenvolvida por autores como Gastón Bachelard, Michel Foucauld, Antonio Gramsci, Michel de Certeau, Eliseo Verón, Jesús Martín Barbero, Néstor García Canclini, Raúl Fuentes Navarro, Armand Mattelart, Maria Immacolata Lopes, Michèle Mattelart, Lucien Sfez entre outros importantes autores

[2] Para uma epistemologia histórica das ciências sociais na América Latina são referências fundantes: Pablo González Casanova. *Las categorías del desarrollo económico y la investigación en ciencias sociales*, México, Unam, 1967. Eliseo Verón. “Ciência e ideologia: para uma pragmática das ciências sociais”; “As ideologias estão entre nós”, in *Ideologia, estrutura e comunicação*, São Paulo, Cultrix, 1977. Gregorio Selser. “Espionaje en América Latina. El Pentágono y las técnicas sociológicas”, Buenos Aires, Ediciones Iguazú, 1966.

[3] A fundamentação desse processo na região está desenvolvida em Alberto Efendy Maldonado. *A pesquisa teórica em comunicação na América Latina/ Estudo de três casos relevantes: Verón, Mattelart e Martín Barbero*, tese de doutorado, USP/ECA, 1999.

[4] Manuel Martín Serrano: “*En los países dependientes, los requerimientos políticos y económicos encauzaron la reflexión epistemológica hacia otros rumbos, no por poco difundidos menos interesantes...*”, p. 11.

[5] Jesús Martín Barbero. *Dos meios às mediações (...)*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

[6] Michèle e Armand Mattelart. *Pensar sobre los medios(...)*, Madrid: Fundesco, 1986.

[7] Armando Silva. “*La semiótica y comunicación social en Colombia*”, in rev. *Diálogos de la comunicación*, Lima, 1988.

[8] São importantes fontes de reflexão e informação nessa linha de pesquisa as investigações de Raúl Fuentes Navarro, Jorge B. Rivera, Jesús Martín Barbero, Maria Immacolata Lopes, Aníbal Ford, Antonio Pasquali, Fernando Reyes Mata, Armand Mattelart e María Cristina Mata.

[9] A Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo será a instituição pioneira na América Latina em estruturar um curso de mestrado já no ano de 1972, temos portanto 30 anos de institucionalização da pesquisa na região. A ECA tem formado a um número significativo de pesquisadores em comunicação no Brasil e em 2002 constitui um referente obrigatório da pesquisa em comunicação no país, na América Latina e em nível internacional.

[10] Os projetos de ALAIC, INTERCOM, AMIC, DESCO, FELAFACS e COMPÓS são orientadores sobre essa situação.

[11] Consta-se posicionamentos desse tipo em seguidores da nomeada *teoria da complexidade*, cujo maior representante é Edgar Morin. O fracasso do projeto transdisciplinar com Roland Barthes (Semiologia) e Georges Friedmann (Economia Política da Comunicação), que partia de um compartilhamento de fundamentos e problemáticas entre campos científicos, levaria no futuro a Morin para uma pretensão de generalidade epistemológica que corresponderia ao *summu* do conhecimento humano. Detecta-se nessas proposições um problema grave de ausência de explicitação conceptual, apropria-se de formatos e idéias sem mostrar as fontes e os procedimentos de reformulação, gera-se campos de efeitos de sentido que tornam o "saber científico" um exercício cômodo de especulação e literatura. A influência de correntes literárias pós-modernas realizam estruturas semelhantes. Observando-se também a continuidade "totalitarismo metodológico" de parte dos neo-funcionalistas. A velha pretensão de "saber absoluto" continua presente em vários autores e comunidades, que aproveitam a falta de uma tradição científica forte numa área para circular e marcar seus debates retoricamente.

[12] Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano/Artes de fazer*, Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

[13] As comunidades russa, polonesa, suíça. Autores como Jakobson, Propp, Bakhtin, Chomsky, Markov, Hjelmslev, Barthes e Greimas entre outros. O saber especializado das ciências da linguagem é amplo, heterodoxo, rico e conflitivo; conhecê-lo leva

décadas de um esforço de investigação particular. O mesmo acontece em todos os campos do saber, por isso a grande dificuldade das sínteses, as profundas limitações dos *construtos* que seguem os velhos modelos enciclopédicos.

[14] Karl Marx, “*O método na Economia Política*”, p. 229, in **Contribuição para a Crítica da Economia Política**, Lisboa, Estampa.